



As Nossas Raparigas

Um jornal americano abriu um concurso sobre este tema:

“Que faremos das nossas filhas?”

A resposta que ganhou o prêmio indicava as seguintes qualidades como sendo as mais desejáveis para as raparigas: *boas cristãs; sérias; trabalhadoras; econômicas; sensatas e positivas.* Concordamos absolutamente. Por isso, vamos dar a resposta completa que foi publicada no jornal americano acrescentando-lhe algumas palavras de comentário.

1.º — Boas Cristãs

«Faremos das nossas filhas boas cristãs. Sobre o terreno da religião iremos tão longe quanto possível, até à piedade sólida e bem ordenada. Sobre este ponto nunca se fará demais: a mulher forte é sempre a mulher profundamente religiosa».

Este 1.º ponto da resposta é perfeito. Como base de toda a perfeição moral põe a religião, sem a qual tudo fica edificado no ar. Também na M. P. F. pensamos assim, e, desejando fazer das nossas raparigas «mulheres fortes», procuramos dar-lhes uma sólida formação moral e religiosa, que lhes ilumine a inteligência, lhes forme a vontade e as prepare para a vida.

Na M. P. F. o ensino da moral e da religião não se separam nunca, porque essa dupla formação tem um ideal único: iluminar, corrigir, elevar, para tornar mais perfeita a vida.

A religião verdadeira não consta apenas de dogmas em que acreditamos; é composta também de preceitos e conselhos que devemos praticar.

Não, no campo religioso, nunca se irá longe de mais. Os exageros e desordens são sempre erros de inteligência mal esclarecida e de piedade mal entendida.

2.º — Raparigas sérias

«Faremos das raparigas sérias. A virtude será sempre o mais belo enfeite da rapariga cristã, um bem que excede todos os outros, mesmo a fortuna e a beleza».

A seriedade não é contrária à alegria nem tolhe a espontaneidade dos sentimentos.

Uma rapariga séria é uma rapariga que possui um ideal e não transige com o mal que a pode diminuir ou enxovalhar.

A virtude é a sua riqueza, a graça a sua formosura. E estes dotes valem bem mais do que um «dote» em dinheiro contado.

Também nós, na «Mocidade», desejamos que as nossas raparigas sejam sérias.

Sérias, sabendo rir...

Sérias, possuindo o dom de agradar...

Mas isentas da frivolidade que coloca mal aos olhos de Deus e dos homens.

3.º — Raparigas trabalhadoras

«Faremos das raparigas trabalhadoras, amando o trabalho, qualquer que ele seja, como uma grande coisa, pois que ele é o dever. Há, infelizmente, muitas raparigas que só sabem fazer de senhoras. Deve-se-lhes ensinar a preparar convenientemente uma refeição, a lavar, passar a ferro, etc.»

Na «Mocidade» está em honra o trabalho. Procura-se despertar nas filhas o gosto pelos serviços domésticos femininos.

Nas aulas de trabalhos manuais aprendem a coser, a passajar, a remendar e a fazer roupinhas para os pobres e para elas próprias.

Nas aulas de ensino doméstico vêmo-las ocupadas com actividade e satisfação nos trabalhos caseiros: arranjos da casa, culinária, etc.

Nas aulas de 1.º socorros aprendem a tratar dos doentes: toda a mulher deve ser uma enfermeira carinhosa, para a família e os pobres.

O que em todas estas lições se aprende, vale muito, mas o seu maior proveito será talvez vencer preconceitos errados que fazem dos trabalhos domésticos qualquer coisa de inferior e habituar as raparigas a serviços pelos quais vão tomando gosto e dos quais depende tanto a felicidade do seu futuro lar.

A formação familiar dada na M. P. F. contribuirá muito para corrigir esse defeito que a resposta americana aponta: raparigas que só sabem fazer de senhoras, isto é, que preocupadas consigo mesmas são manequins que sorriem e fazem vénias, julgando que ser senhora é só parecer bem, e mandar e ser servida...

Na «Mocidade» queremos as nossas raparigas com outra mentalidade. Queremo-las senhoras no porte e na dignidade, mas operárias da sua própria felicidade, ocupadas em trabalhos que amam e compreendendo que o trabalho é dever de pobres e ricos, como é condição de felicidade de ricos e pobres.

(conclui no próximo número)

Maria Joana Mendes Leal



19
OUTUBRO

Um livro de contas domésticas é educativo e moralizador

O luxo que dá nas vistas não é distinto e pode ser um desperdício culpado

Mais vale operário honesto do que elegante inútil

AS NOSSAS RAPARIGAS

(CONTINUAÇÃO)

Raparigas que sabem, fazem florir à sua roda as doces virtudes familiares

Cecília Ottolini

4.º — *Façamos delas raparigas económicas que saibam não exceder nas suas compras os seus recursos e ter as suas contas sempre em dia.*

Em geral, as raparigas pensam mais em gastar o dinheiro de que em economizá-lo.

O dinheiro representa para elas a realização dos seus desejos, que são, na maioria das vezes, a satisfação da sua vaidade.

E' natural que os olhos das raparigas se prendam nas montras onde aparecem tantas coisas tentadoras...

Mas é preciso que desde novas aprendam a regular as despesas pelas receitas, não se deixando vencer por apetites que, desequilibrando o seu orçamento, lhes acarretam arrelhas ou as levam a estratégias complicadas para resolverem situações difíceis.

Só uma vida ordenada é uma vida tranqüila, e as excessivas despesas, que trazem consigo a desordem, trazem também o desassossego.

A virtude da economia que desejamos para as nossas raparigas não é avareza nem a renúncia a todo o prazer.

E' discrição sensata, fiscalização das despesas, um livro de contas em que se aponta o que se gasta, pensando um bocadinho se o nosso dinheiro foi bem gasto...

Um livro de contas domésticas é educativo e moralizador.

A virtude da economia que desejamos para as nossas raparigas é a defesa contra

as tentações e cuidado nos desperdícios, que chegam a ser culpados, existindo tanta miséria à nossa roda!

Uma rapariga económica não é aquela que corta no necessário: é aquela que evita o supérfluo, o inútil.

E' aquela que se sabe vestir de chita, quando os seus recursos não chegam para se vestir de seda, preferindo vestir-se com modéstia e viver com alegria, a vestir com luxo, atormentando os pais com as suas exigências ou inquietando-se a si mesma com preocupações de dinheiro.

5.º — *Raparigas sensatas que compreendam que um operário honesto vale mais do que um elegante inútil.*

O bom senso é uma virtude preciosa — e há quem diga que é rara!

Não admira, pois, que seja entre a gente nova, a quem falta ainda a experiência da vida, que o bom senso falta mais.

As raparigas com facilidade se deixam influenciar pelas aparências: o que é brilhante tem para elas muito maior poder de sedução do que é bom e sólido.

E mesmo em casos importantes, como é a escolha dum companheiro de vida, muitas vezes lhes falta a ponderação e o bom senso necessário para escolherem bem.

Qualquer flirtador de profissão tem junto delas mais facilidades de ser bem aceite do que um rapaz sério, mas menos prático em madrigais.

Falta-lhes bom senso para distinguirem os sentimentos verdadeiros dos fingidos e para reconhecerem que o que vale para a vida são as qualidades de carácter e de trabalho que dão segurança ao futuro.

Não se passa a vida a *flirtar* ou a dançar, e a resposta premiada do concurso americano diz uma grande verdade: «mais vale um operário honesto do que um elegante inútil».

6.º — *Raparigas positivas, deixando o romanesco para os romances e amando a vida simples, na sua casa, que pelas suas próprias mãos procuram tornar agradável com pequenos trabalhos feitos ao serão e flores frescas.*

Hoje, já poucas raparigas sonham ao luar e desfolham malmequeres. Mas se o romanesco de certas atitudes doutros tempos passou de moda, no entanto, com menos poesia, mas com iguais ilusões, as raparigas continuam a imaginar-se «heroínas de romances».

Os livros das bibliotecas «branca» e «côr de rosa», que lhes andam pelas mãos, mostram-lhes tantas «almas gêmeas» das suas, que o seu destino — imaginam! — não poderá também diferenciar-se muito.

As mais sentimentais, sonham com o romance de amor que depois de 300 páginas de aventuras termina no 7.º céu duma felicidade eterna!

As mais modernas, sonham com uma ininterrupta cavalcada de prazeres...

E a vida é tão diferente!

Nem é um perpétuo idílio de amor, nem uma parada de divertimentos.

A vida é constituída por deveres e alegrias, inteiramente ligados.

Sem dúvida, se o amor faltasse, na casa vazia e fria não existiria felicidade.

Mas o amor que se acolhe no lar faz amar a vida simples, que se embeleza com o nosso trabalho, como se espiritualiza e eleva com a graça do nosso sorriso.

Raparigas positivas não são raparigas materializadas. São raparigas que, caminhando sobre a terra, sabem fazer florir à sua roda as doces virtudes familiares.

Maria Joana Mendes Leal